

Dedê não é mais aquele

Alex Franco

[Artista gráfico e colaborador do grupo Multiplicadores de Visat]

Já escrevi aqui sobre a mudança de vida pela qual passei lá na década de 1960, saindo do antigo curso primário para o também antigo ginásial. Sair de uma pequena escola com uma única sala por período com, no máximo, vinte alunos e ir para um colégio imenso com onze salas de quarenta alunos cada, só no primeiro ginásial, representou um grande desafio. Hoje volto a um episódio dessa época, claro que havia muita coisa boa nas mudanças e, entre elas, estavam as aulas de educação física. Criei muitas expectativas por essa atividade, uniforme totalmente branco, do tênis à camiseta, utilizar a grande quadra poliesportiva coberta que tinha tabelas de basquete, traves com redes e até arquibancada, eu sonhava com este novo mundo. Ficava imaginando como deveria ser bom jogar futebol sem o temor de ralar do dedão no asfalto e, pela primeira vez na vida, ter a oportunidade de balançar as redes, literalmente. Quando o dia “D” e a hora “H” finalmente chegaram, a realidade me mostrou que nem tudo seriam flores. Primeiramente aconteceu que, antes de entrarmos efetivamente nos esportes coletivos, teríamos que passar por várias e intermináveis seções de condicionamento físico, ou seja, aulas e aulas somente de ginástica. A real prática dos esportes iria demorar. Administrei esta situação com relativa tranquilidade, afinal seria apenas questão de tempo para que as competições entre classes se iniciassem. Porém uma situação diferente marcaria as tais aulas.

A quadra ficava na parte mais baixa do terreno ocupado pelo colégio, de forma que, ao término das aulas, todos os alunos tinham que subir quatro lances de arquibancada, além de duas sequências de escadas cobertas por uma marquise, até atingir o prédio principal onde ficavam os vestiários. Formava-se então um grande e coeso bloco de meninos pois, se por um lado se dividiam os alunos por gênero, de outro se juntavam três ou mais classes para a realização da atividade. No meio dessa espécie de tumulto surgiu, para mim, uma situação assustadora. Havia entre nós, um garoto que gostava de zoar, para usar um termo contemporâneo. Ele tinha o apelido de Gordo, por razões óbvias, e aparentemente não se incomodava de ser chamado assim. Gordo gostava de provocar os colegas. No meio daquela pequena multidão, comandava uma espécie de *bullying*, escolhia a vítima do dia e gritava cantando: *Fulano não é mais aquele*, ao que outros da turma dele completavam: *Pau na bunda dele*. Depois vinham outros gritos: *Fulano é salsicha?* Os demais: *Não!* Ele: *É linguíça?* E os demais: *Não!* Ele: *Então o que que ele é?* E a horda: *Bicha, Bicha, Bicha!!!* Havia outros gritos igualmente preconceituosos, não me lembro de todos e também não vejo necessidade de especificá-los. No início me assustei muito com isso, tanto pelos palavrões em alto e bom som (em casa a gente não

pronunciava nem a palavra bunda), quanto ao que aquilo significava, ou seja, uma ação covarde absolutamente sem sentido, sem motivo e realizada apenas para ofender esse ou aquele garoto escolhido sabe-se lá por quais critérios. Claro que, na transição da infância para a adolescência, ninguém queria ser o eleito do dia. As reações iam da devolução do xingamento, tipo: *bicha é você*, até a notável contrariedade demonstrada pela cara fechada e, em alguns casos, até a tentativa de agressão que sempre era contida pela *turma do deixa disso*. Fiquei pensando que, mais dia, menos dia chegaria minha vez de ser a vítima do Gordo. Por isso eu já tinha minha estratégia de defesa estabelecida. Meu pai havia me ensinado que apelidos só pegam quando são contestados e que quanto mais eu me irritasse com uma eventual alcunha, mais chance eu teria de ser chamado dessa forma. Me servindo desse raciocínio, decidi que iria ignorar a ofensa quando ela chegasse, me fingir de morto e tentar não demonstrar nenhuma irritação. No entanto, antes que meu dia chegasse, aconteceu o fato que efetivamente marcou minha memória. Não sei quem organizou a contra ofensiva, mas houve um dia em que, antes que o Gordo desse o primeiro grito, alguém se antecipou: *O Gordo não é mais aquele*, e o coro mais forte do que nunca, seguiu com as respostas já citadas. A reação do Gordo foi surpreendente e, para mim, inacreditável. Pelo fato de o Gordo ser o organizador da ação e também não se importar com sua alcunha, eu imaginava que ele tiraria de letra o fato de ser alvo de sua própria criação. Só que, para minha surpresa, ele começou a chorar copiosamente, chorou de dar dó, soluçava enquanto muitos dos outros garotos e, em especial, suas antigas vítimas riam e se divertiam muito com a situação. Fiquei chocado, não passou pela minha cabeça que uma pessoa tão popular e desembaraçada, pudesse se mostrar tão frágil e insegura. A imagem que ele passava ao grupo era de uma segurança ímpar, era aparentemente um líder nato. Mas não, o Gordo era apenas um outro aluno do primeiro ginásial, tal qual todos nós. Hoje imagino que provavelmente ele carregava mágoas e aflições inconfessáveis que eclodiram naquele dia. ... O que fez esse gatilho disparar em 2023? O que me levou a puxar a ficha desses fatos nas sombras de minhas memórias? Escrevo na segunda semana de junho. Nos últimos dias um certo personagem da política nacional, teve sua candidatura a deputado federal indeferida pela justiça eleitoral do Paraná, e como ele já havia assumido, foi deposto do cargo. Tal como ocorrera com o Gordo lá atrás, a reação de Dedê expôs toda sua fragilidade e insegurança. Ficou claro que o outrora todo poderoso procurador chefe da força tarefa da Lava Jato jamais passou de um garoto mimado que não admite ser contrariado e, quando isso acontece, ele apela pro chororô.

O problema aqui é que a ação dessa criatura ajudou a mudar a história do Brasil para pior, muito pior. Imbuído de um poder muito acima de sua competência, graças a uma conjugação de fatores que contaram com a participação de diversos setores da institucionalidade brasileira, a cumplicidade criminosa da chamada grande mídia e, provavelmente, o apoio de interesses internacionais, o menino Dedê se acha acima do bem e do mal. E o que ele está fazendo agora que se viu desempoderado? Chora em público.

O Gordo era um garoto começando a se entender como ser humano, é compreensível sua reação à adversidade daquele dia.

Torço hoje para que aquela lição tenha sido útil a ele, que ele tenha compreendido a diferença entre bater e apanhar e que ações violentas provocam reações.

Quanto ao Dedê é preciso deixar claro que ele é, como se diz, um homem feito, gosta de ser chamado de cidadão de bem e se orgulha de ser pai de família.

Mesmo assim, não demonstrou maturidade sequer para enfrentar os problemas que ele mesmo criou para a própria vida.

Hoje, eu diria:

Para o Gordo – *E aí mano, viu como é ser hostilizado? Aprendeu?*

Para o outro – *Dedê não é mais aquele...*

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.